



Foto: Jandyr Nascimento

A passeata em solidariedade à causa dos colonos de Sede Trentin reuniu cerca de doze mil pessoas ontem em Chapecó.

Passeata de apoio aos colonos reúne 12 mil pessoas no oeste

Cerca de doze mil pessoas compareceram ontem, em Chapecó, à manifestação de solidariedade às 180 famílias de agricultores de Sede Trentin, que estão ameaçadas de perder 1.885 hectares de terras para os índios caingangues. A concentração foi pacífica e con-

siderada vitoriosa pelos organizadores — apesar de ter reunido apenas a metade das 25 mil pessoas esperadas. Os colonos na passeata concentraram críticas à atuação da Igreja no caso e fizeram um abaixo-assinado para pressionar o governo federal a reverter a decisão de desapropriar os agricultores em favor dos índios. As autoridades presentes à concentração disseram que querem que o conflito entre índios e colonos seja resolvido de forma pacífica e de comum acordo entre as partes. Mas há temor de um "banho de sangue". No Estado, continua aumentando o número de pessoas em greve de fome solidárias com os interesses dos índios. Nesta segunda-feira, três ministros, o governador e o prefeito de Chapecó, se reúnem em Brasília para decidir definitivamente a questão.

do o número de pessoas em greve de fome solidárias com os interesses dos índios. Nesta segunda-feira, três ministros, o governador e o prefeito de Chapecó, se reúnem em Brasília para decidir definitivamente a questão.

do o número de pessoas em greve de fome solidárias com os interesses dos índios. Nesta segunda-feira, três ministros, o governador e o prefeito de Chapecó, se reúnem em Brasília para decidir definitivamente a questão.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Sta Catarina Class.: 1374

Data: 22.09.85 Pg.: _____

Doze mil pessoas apóiam colonos de Sede Trentin

CHAPECÓ (Do enviado Edemir Silva) — Pelo menos 12 mil pessoas compareceram à manifestação de solidariedade aos colonos de Sede Trentin, realizada na tarde de ontem nesta cidade do oeste catarinense. Elas subscreveram abaixo-assinado que será levado nesta segunda-feira a Brasília pelo prefeito Ledônio Migliorini, numa tentativa de reverter a decisão do governo no sentido de retirar as 180 famílias de agricultores de Sede Trentin e entregar os 1.885 hectares da área aos índios caingangues. A manifestação, organizada pela Câmara de Vereadores de Chapecó, com apoio de entidades empresariais, sindicatos e partidos políticos, obteve relativo êxito, apesar da tentativa de esvaziamento promovida por sete sindicatos de trabalhadores rurais da região, que na sexta-feira emitiram nota retirando sua adesão à iniciativa. Enquanto isso, em Sede Trentin elevou-se para onze o número de pessoas que entrou em greve de fome. Uma delas, Alberto Sieve, promete cortar um dedo da mão por dia a partir de amanhã (segunda-feira), até que o problema de terras encontre uma solução.

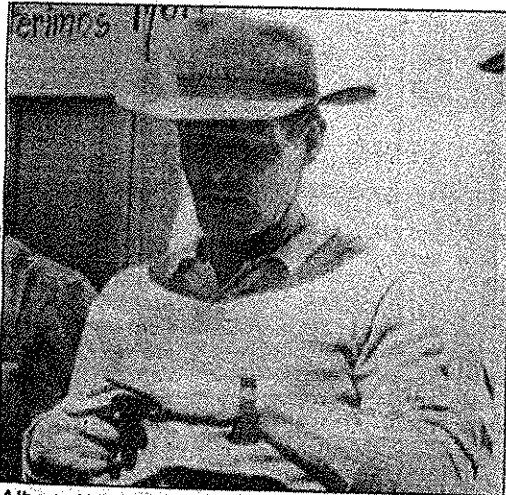
A manifestação, além de apresentar solidariedade aos colonos, evidenciou um ato de protesto à posição de incitamento ao conflito que o bispo diocesano de Chapecó, dom José Gomes, estaria tomando na questão de Sede Trentin. Partindo de frente ao quartel da Polícia Militar, os participantes da manifestação fizeram uma passeata pela avenida Getúlio Vargas, na qual a maioria das faixas que carregavam protestava contra as atitudes do bispo. "Cada o bispo que trouxe os índios?",

perguntava uma das faixas. Outra também fazia uma indagação: "E agora dom José?". A passeata terminou em frente à Igreja matriz Santo Antônio, onde começou a coleta de assinaturas para o abaixo-assinado.

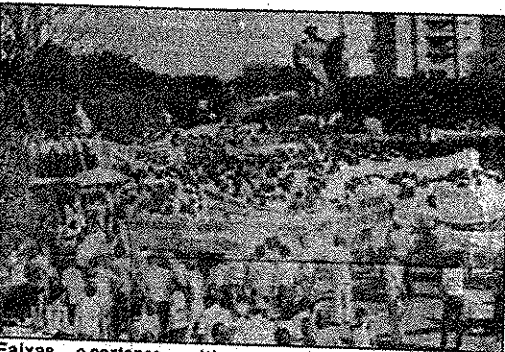
O vice-governador Victor Fontana, presente ao ato, defendeu uma solução administrativa para a disputa de terras e qualificou a provável retirada dos colonos como um "autêntico crime". O secretário da Agricultura, Odacir Zonta, reafirmou a posição do governo do Estado, dizendo que o importante é a obtenção de uma decisão de consenso, "que agrade índios e colonos". Para o presidente da Câmara de Vereadores de Chapecó, Jair Cotá, a manifestação deste sábado poderá ter um peso de decisão nesta segunda-feira em Brasília, quando o governador Esperidião Amin e o prefeito Ledônio Migliorini, se reunirão com o Ministério da Reforma Agrária.

Corá acredita que se o governo não voltar atrás em sua decisão de desalojar os agricultores, "será responsável por um banho de sangue ainda esta semana na região". Sobre a decisão de sete sindicatos de trabalhadores rurais de retirarem o apoio aos agricultores, inclusive o de Chapecó, o presidente da Câmara afirmou que isso é resultado de "um meticuloso trabalho da Igreja a favor dos índios".

Ontem pela manhã, mais duas pessoas entraram em greve de fome, como forma de pressionar o governo a não decidir pela retirada dos agricultores de Sede Trentin. Agora são onze os colonos que aderiram ao movimento. São eles: Alberto Sieve, Luis Schmidt, Antônio Pagan, Antônio



Alberto Sieve promete cortar um dedo por dia de atraso na solução do conflito.



Faixas e cartazes criticavam a atuação da Igreja no episódio

Ribeiro, Enelise Pesenti, Marilise Pesenti, Soeli Shimidt, Juraci Pacheco, Ida Verel, Janete Kuns e Francisca Pesenti. O mais velho: dos grevistas, Alberto Sieve, 48 anos, pai de 7 filhos e proprietário de 24 hectares de terra, promete cortar um dedo das mãos por dia, a partir desta segunda-feira, até que o problema de disputa de terras seja solucionado. "Com essas mãos criei meus filhos e com essas mãos defenderei minhas terras" afirmou. Indagada se nada faria para evitar a mutilação, Ivan Trombetta, líder dos colonos, respondeu: "O governo é quem tem que evitar". Sentados na frente da capela de Sede Trentin, os grevistas garantem que "morrem de fome ali, se for necessário".

AMEAÇA DE CONFLITO

A Pastoral da Juventude programou para hoje em Chapecó um encontro de pelo menos vinte mil jovens da região oeste do Estado, para comemorar o Ano Internacional da Juventude. Apesar de Eva Maria, organizadora do encontro, garantir que não é uma manifestação de apoio aos índios, os organizadores da manifestação de sábado temem que isso aconteça. "Se acontecer nós vamos contestar da forma que for necessária", disse Fidells Trombetta, outro líder dos colonos, que já reuniu 150 jovens de Sede Trentin para se deslocarem hoje ao centro de Chapecó, onde a Pastoral da Juventude fará o encontro. Na eminência de conflito, a Polícia Militar está reforçando o patrulhamento, fazendo o mesmo em Sede Trentin, onde 50 homens mantêm 180 famílias de colonos isoladas das 19 famílias de índios caingangues.

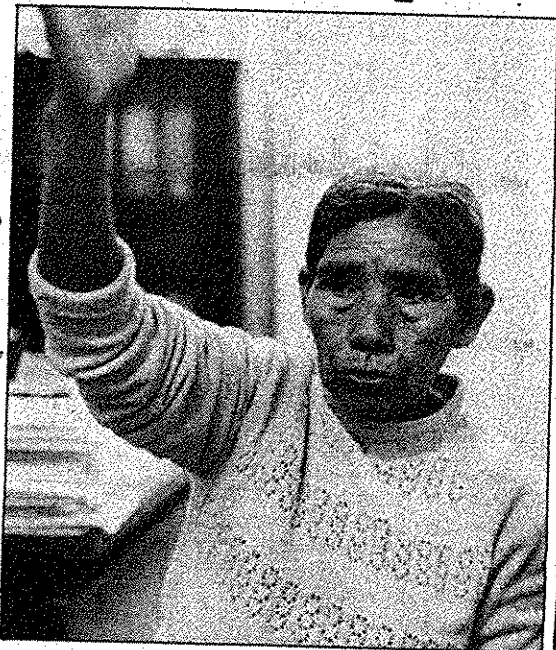
Decisão para índios e colonos sai 2ª feira

FLORIANÓPOLIS (Sucursal) — A paz entre caingangues e colonos de Sede Trentin está próxima. Primeiro, porque amanhã (segunda-feira), em Brasília, três ministros, juntamente com o governador Esperidião Amin, e o prefeito de Chapecó, Ledônio Migliorini, decidem sobre quem fica com os mil 885 hectares do Toldo Chimbangue. Segundo, porque a posição intransigente dos colonos já está dividida.

Uma pesquisa da rádio Chapecó, revela que 80% dos

agricultores estão dispostos a deixar Sede Trentin se o governo indenizar a terra e as benfeitorias a preço de mercado. Ainda segundo a pesquisa, os 20% que resistem são moradores mais velhos da localidade e podem mudar de idéia. A pesquisa mostra uma inversão do quadro no início da semana. Acredita-se que em breve as partes poderão fumar o cachimbo da paz, para felicidade das dezenas de pessoas — entre religiosos e indigenistas — que estão em greve de fome em todo o Estado.

A mãe dos caingangues quer paz para seu povo



Dona Ana Forte do Nascimento aos 88 anos quer ver a sua pátria livre. E acredita na paz, "porque Deus é grande".

FLORIANÓPOLIS (Sucursal) — As rugas de dona Ana, aos 88 anos de idade, revelam as marcas do povo caingangue nestes quase 500 anos de "colonização".

"O Jacob Trentin comprou as terras dos índios e em cima do cemitério onde estão enterrados meus avós ele fez um poteiro", desabafa dona Ana Forte do Nascimento. Ela veio a Florianópolis com o filho Sebastião da Veiga Koyoyt, em greve de fome juntamente com mais 14 pessoas, na sede da regional sul IV da CNBB. Hoje é o sexto dia de greve (domingo).

Dona Ana conta estes e outros fatos que marcaram sua vida e a de seu povo com a mesma energia de quando jovem seguia uma trilha no mato.

Hoje o Toldo (Chimbangue, nome dado em homenagem ao cacique já morto) no oeste de Santa Catarina, está praticamente destruído, ela disse, ao comparar com o tempo de sua juventude. Chimbangue na língua dos caingangues é também um tipo de mosquito).

Mãe e avó, dona Ana fez jus ao sobrenome Forte e à memória do cacique Chimbangue, seu ancestral, e que, conta-se, foi enterrado no local onde hoje existe uma frondosa cedro. (Ao enterrar os parentes, os caingangues fincavam um galho de cedro para marcar o local. O lenho muitas vezes brotava, como ocorreu neste episódio).

"Eles não respeitam nem os mortos", denuncia dona Ana, que também é contra a devastação da flora e da fauna: "Para que prender os bichos numa gaiola?"

Ela esteve visitando um zoológico, em Brasília, e diz que ficou muito magoada com o que viu: "O mico velho estava sentado com a cabeça baixa entre as mãos. Fizeram isso sem ele dever nada", protesta e faz o gesto mostrando a situação do animal.

A anciã não consegue entender a maldade do branco e tem muitas perguntas sem resposta, especialmente agora que a Polícia Militar está guardando os caingangues do Toldo, em Chapecó.

A polícia chega tudo ouçado no meio dos índios. Chegam com metralhadeira e tudo armado. Eu tenho um mandio-calzinho perto do rancho e para buscar uma mandioca tem de pedir. Para campear lenha a polícia vai junto. Em que altura nos andamos, é bravo, desabafa.

Por tudo isto ela acrescenta que está "muito aborrecida". Mas não vai desistir de sonhar com seu povo livre ocupando a terra de seus pais. Para os caingangues, o Toldo não são os 1885 hectares, cujo valor está baseado na qualidade do solo para a agricultura. Mas o Toldo é a pátria do grupo.

E o sonho de dona Ana, de ver sua pátria, livre, sem as barracas e barreiras da Polícia Militar, com paz no Toldo está próximo. Ela não deseja mais tiros, como os que feriram seus parentes Gumerindo e José Fernandes e que hoje os impede de trabalhar na roça. Ela quer ver o "mico velho" do zoológico livre, no mato, "porque ele não deve nada". Ela não deseja que a "colônia" tenha raiva do bispo dom José Gomes. Enfim, ela acredita na paz, "porque Deus é grande".